

China recebe 85,4% da soja enviada para o exterior no Porto de Santos

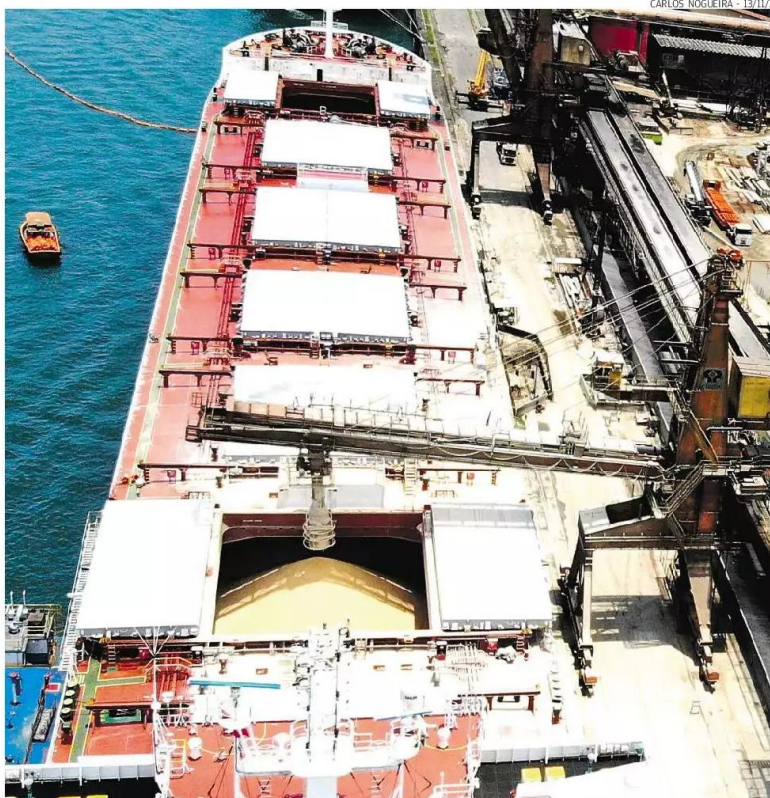
De janeiro a setembro, complexo exportou 30,9 milhões de toneladas, sendo 26,4 milhões apenas aos chineses

BÁRBARA FARIAS
DA REDAÇÃO

O Porto de Santos embarcou 30,9 milhões de toneladas de soja entre janeiro e setembro deste ano, sendo a maior parte, 26,4 milhões de toneladas (85,4% do total), para a China. A quantidade exportada em nove meses já supera todo o ano de 2024, quando o cais santista escoou 28 milhões de toneladas da commodity, enviando 23,3 milhões de toneladas ao país asiático. Os dados estatísticos são do sistema Comex Stat, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC).

Há cinco meses, os chineses vivem um impasse com os Estados Unidos quanto à soja. Desde maio, a China parou de comprar o produto dos EUA, que era o seu principal fornecedor, em retaliação ao tarifaço imposto pelo presidente Donald Trump. Desde então, passou a recorrer de forma mais intensa ao produto brasileiro.

De acordo com um levantamento da Federação Americana de Escritórios Agrícolas, entre janeiro e agosto deste ano, a China importou 5,8 milhões de toneladas de soja dos EUA. No mesmo período do ano passado, o total foi de 26,5 milhões de toneladas, o que representa uma queda de quase 80%. De junho a agosto, segundo o levantamento, os EUA não embarcaram quase nada de soja para o mercado chinês. Por outro lado, o Brasil exportou mais de 77 milhões de toneladas do produto para a China no mesmo intervalo.



CARLOS NOGUEIRA - 13/11/19

Movimentação de soja no Porto de Santos: mercado chinês amplia a aquisição da produção brasileira

Sobre um eventual aumento de demanda de exportação de soja por Santos diante da crise comercial entre os dois países, o presidente da Autoridade Portuária de Santos (APS), Anderson Pomini, declarou que “o Porto de Santos é o principal equipamento logístico do Brasil e tem mostrado, com os recortes sucessivos, que é resiliente e preparado” para eventuais demandas.

“Tudo graças à boa sinergia entre o privado e o poder público, e deve

continuar assim para poder atender as demandas atuais e as que virão, seja pelo crescimento econômico do País, seja por oportunidades como a que se apresenta agora com o tarifaço”, complementou Pomini.

CAUTELA

Apesar disso, o diretor-geral da Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (Anec), Sergio Mendes, afirmou que o melhor cenário para o exportador é o de “céu de bri-

gadeiro”, sem sobressaltos do dólar, de política ou de mercado. “Qualquer instabilidade causa mais problema do que satisfação”. Segundo ele, guerras, embarcos ou variações abruptas no dólar impactam negativamente toda a cadeia de exportação. “Você pode até ganhar em um momento, entre aspas, mas em seguida perde”.

Mendes destacou o fato de a China ser a maior compradora da soja brasileira, respondendo por mais de 70% das exporta-

DESEMPENHO

Chama atenção o fato de, em apenas nove meses de 2025, o Porto de Santos já ter exportado mais soja do que ao longo de todo o ano passado. Foram 30,9 milhões de toneladas enviadas ao exterior de janeiro a setembro deste ano, contra 28 milhões de toneladas da commodity de janeiro a dezembro de 2024.

ções. “Em um mês de novembro, há uns cinco ou seis anos, já chegamos a suprir 92% da demanda chinesa com soja brasileira em um mês”.

O diretor da Anec reforçou que o Brasil, para além de sua capacidade, tem a vocação de ser um grande provedor global de alimentos. “O País nasceu agrícola, essa é a nossa natureza. O que o exportador deseja é um ambiente previsível, de paz e de livre comércio”, reiterou.

PRODUÇÃO

De acordo com dados da associação nacional, a produção de soja deste ano deverá ser recordista em relação à safra anterior. A produção da safra 2024/25 é de 171,5 milhões de toneladas, sendo 13,6% maior sobre as 151 milhões de toneladas produzidas na safra 2023/24.

Já em relação às exportações, enquanto em 2024 foram exportadas 97,3 milhões de toneladas de soja, neste ano a expectativa é de exportar 110 milhões de toneladas, 13,1% maior do que no período anterior.

Produtores devem ficar atentos à dependência excessiva

■ O advogado especializado em Direito Empresarial, doutor em Direito Econômico e professor da China Foreign Affairs University, Emanuel Pessoa, afirmou que o incremento da demanda chinesa por soja impulsiona as exportações brasileiras, melhora a balança comercial e gera divisas. Por outro lado,

o especialista faz uma ressalva.

“A maior destinação da produção ao exterior reduz a oferta interna e encarece derivados como farelo e óleo, elevando custos na pecuária e na indústria alimentícia. O contexto de restrição de oferta norte-americana tende a provocar aumen-

to dos preços internacionais da soja, o que aumenta a receita do Brasil, mas também o custo dos insumos agrícolas”.

Ainda de acordo com Pessoa, “a volatilidade nos contratos futuros e no câmbio cria incertezas no mercado interno. Embora o País consolide sua posição como princi-

pal fornecedor da China, a dependência excessiva de um único comprador torna o Brasil vulnerável a pressões comerciais e políticas”.

ALERTA

A Associação Americana de Soja (ASA) alertou o presidente Trump que o setor está “à beira de um

precipício comercial e financeiro” e pediu o fim das tarifas sobre a China.

A entidade destacou que o país asiático, responsável por mais de 60% das importações globais, passou a comprar do Brasil, onde a soja é 20% mais barata que a americana. (BF)